



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS LITERATURAS**

EDSON DOS SANTOS MOURA JUNIOR

**AFETIVIDADE EM SALA DE AULA: “O PEQUENO PRÍNCIPE” COMO
PRÁTICA SÓCIO-COGNITIVA**

**GUARABIRA-PB
2019**

EDSON DOS SANTOS MOURA JUNIOR

**AFETIVIDADE EM SALA DE AULA: “O PEQUENO PRÍNCIPE” COMO
PRÁTICA SÓCIO-COGNITIVA**

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura
Plena em Letras Português, da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento às
exigências para obtenção do grau de Licenciado
em Letras.

Área: Literatura Infantil e Juvenil

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres
Araújo da Silva.

**GUARABIRA-PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M453a Moura Junior, Edson dos Santos.
Afetividade em sala de aula [manuscrito] : "O pequeno príncipe" como prática sócio-cognitiva / Edson dos Santos Moura Junior. - 2019.
28 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva , Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Afetividade. 2. Aprendizagem. 3. O Pequeno Príncipe. I.
Título

21. ed. CDD 152.48

EDSON DOS SANTOS MOURA JUNIOR

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado capacidade de concluir este curso, e todos que me apoiaram desde o início, como minha família, que foi fundamental em todo este processo de conquista!

AFETIVIDADE EM SALA DE AULA: "O PEQUENO PRÍNCIPE" COMO PRÁTICA SÓCIO-COGNITIVA

Também, quero agradecer aos professores Rafael Braz, Maria Neni de Freitas, e à minha orientadora Rosângela Neres, pois foi através de vocês que eu descobri o que realmente é ser um professor.

E não poderia esquecer de minha família, a qual levarei para o resto da vida!

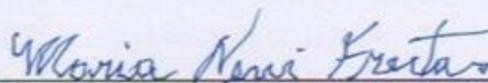
Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

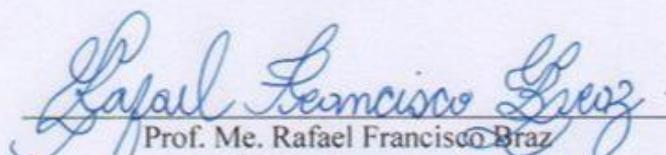
Área: Literatura Infantil e Juvenil

Aprovado em: 29 / 11 / 2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva
UEPB – Orientadora


Prof.^a Dr.^a Maria Neni de Freitas
UEPB – Examinadora


Prof. Me. Rafael Francisco Braz
UEPB – Examinador

AFETIVIDADE EM SALA DE AULA: “O PEQUENO PRÍNCIPE” COMO PRÁTICA SÓCIO-COGNITIVA

EDSON DOS SANTOS MOURA JUNIOR¹

RESUMO

A obra O Pequeno Príncipe é repleta de lições de cunho emocional e, também educativo, a qual serviu de fonte para a presente análise, que teve como propósito mostrar as relações de afetividade estabelecidas entre os personagens da referida obra e empregar no processo do desenvolvimento cognitivo da criança, em seu momento de aprendizagem, assim podemos notar a forte influência desses aspectos sob o âmbito inter-relacional. Para tanto, nossa fundamentação teórica baseia-se em Antunes (2006), Cademartori (1986), Coelho (2000), Martins (1984) e Piaget (1995), junto a pesquisas em vários artigos, livros e sites, coletando situações como a origem da literatura infantil e sua importância na formação da criança. Nessa perspectiva, através da obra de Antoine de Saint-Exupéry, foi possível analisar os diálogos entre os personagens, os quais são compostos por inúmeras situações afetivas, mostrando a relevância dessas situações na construção dos personagens, servindo então de base para a pesquisa, que traz o emprego do afeto contido no livro e o transforma em um sistema metodológico de ensino que resulta numa relação afetiva entre o professor e o aluno, e que conseqüentemente tornará a aula mais prazerosa e satisfatória para ambas as partes.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem. O Pequeno Príncipe.

ABSTRACT

The work Little Prince is full of lessons of emotional nature and also educational, which served as source for the present analysis, which aimed to show the relationships of affection established between the characters of that work and use in the process of cognitive development. of the child in his learning moment, we can thus notice the strong influence of these aspects under the interrelational scope. To this end, our theoretical foundation is based on Antunes (2006), Cademartori (1986), Coelho (2000), Martins (1984) and Piaget (1995), along with research in various articles, books and websites, collecting situations such as origin of children's literature and its importance in the formation of children. From this perspective, through the work of Antoine de Saint-Exupéry, it was possible to analyze the dialogues between the characters, which are composed of innumerable affective situations, showing the relevance of these situations in the construction of the characters, thus serving as the basis for the research, which It brings the use of the affection contained in the book and transforms it into a methodological system of teaching that results in an affective relationship between the teacher and the student, and consequently will make the class more enjoyable and satisfying for both parties.

Keywords: Affectivity. Learning. The little Prince.

¹ Aluno do curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Humanidades. Campus III. E-mail: ed_songba@hotmail.com.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. ORIGEM E CONTEXTO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: BREVE APONTAMENTOS	8
2.1 INTRODUÇÃO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO BRASIL	10
2.2 A NARRATIVA PARA CRIANÇAS E JOVENS E OS CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DA NARRATIVA	13
3. A AFETIVIDADE REPRESENTADA EM “O PEQUENO PRÍNCIPE”	16
3.1 PERFIL BIBLIOGRÁFICO DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY	16
3.2 SOBRE O PEQUENO PRÍNCIPE	16
3.3 APRENDIZAGEM E SEUS AFETOS	18
3.4 <i>O PEQUENO PRÍNCIPE</i> COMO EXEMPLO METODOLÓGICO DE ENSINO ATRAVÉS DA AFETIVIDADE	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

A literatura infanto-juvenil é uma das ferramentas fundamentais para o desenvolvimento cognitivo da criança, visto que através dela que será criado um enriquecimento em seu vocabulário, senso crítico, e reconhecimento de uma realidade. É essencial trabalhar a literatura em sala de aula, no entanto é notório que muitos dos alunos cheguem a pensar que aquela aula cansativa e, ao mesmo tempo, logo é possível constatar que o uso da afetividade tem grande influência no resultado final de uma aula para o sujeito.

Piaget (1995) afirma que a cognição e a afeição caminham em igualdade no desenvolvimento da criança. Desse modo, vemos que a figura do professor tem uma grande importância ao apresentar os conteúdos de forma clara que os alunos se sintam parte do processo de aprendizagem gerando, assim, interações saudáveis. Partindo deste ponto, podemos usar como exemplo a obra do escritor e ilustrador francês Antoine de Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe*, que possui um teor significativo de afetos em sua narrativa.

A obra *O Pequeno Príncipe* consta com uma linguagem multimodal, a qual se mescla o verbal e o não verbal, revelando situações em que são estabelecidos diálogos e situações moralistas que têm por base afeto, sinceridade e o amor. A partir destes princípios que o livro nos traz, podemos extrair vários exemplos de ensinamentos com alguns personagens, os quais podemos utilizar para as práticas docentes.

Para tanto, esta pesquisa de Conclusão de curso tem por objetivo principal analisar as experiências de vivência relacionadas ao sentimento de afetividade presente na obra, corpus deste trabalho, mapeando através do desenvolvimento da criança em relação aos aspectos de interação sociocultural.

Nessa perspectiva, serão analisadas as relações afetivas entre o pequeno rapazinho e sua rosa, juntamente com as aprendizagens com a raposa, mostrando a importância e os benefícios que podem ser retirados e aproveitados do texto, com o intuito de melhorar a relação social e interacionista do aluno, de maneira que a sua aprendizagem aumente de forma prazerosa.

O artigo mostrará a origem da literatura infantil e sua importância no desenvolvimento infantil; a literatura infantil no Brasil; a narrativa para crianças e jovens; a afetividade representada em “O Pequeno Príncipe”; seguido das considerações finais e referências utilizadas no trabalho.

2 ORIGEM E CONTEXTO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: BREVE APONTAMENTOS

Com base nos estudos de Lúcia Cademartori (1986), o gênero literário Infanto-juvenil teve sua origem em meados do século XVII na Europa. Tendo como precursor Charles Perrault, que foi um adaptador e poeta francês. Perrault coletou lendas e contos da Idade Média e os adaptou, originando os contos de fadas. Várias obras surgiram, tais como: *A Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Cinderela*, dentre outras do imaginário popular. Conforme o pensamento de Cunha (1999) que:

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança pelo que deveria passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta (CUNHA, 1999, p.22)

Perrault inicia um novo período na literatura infantil após um movimento ocasionado pela população contra o reinado de Luís XIV, denominando *Fronde*, que foi uma série de guerras civis ocorrida na França entre 1635 e 1659. Este acontecimento deixou grandes marcas nos franceses. Vários contadores de histórias chegam à família de Perrault com diversos contos, e apesar do momento crítico que estão vivendo, ironizam tanto os costumes, superstições e até o próprio povo, assim, os contos de Perrault usam o sarcasmo se preocupam com a moral, transmitida em sua produção sob a forma pedagógica.

A dureza durante o reinado de Luís XIV: a vida dos camponeses era marcada pela provação. Tensão social: os legisladores e bispos se voltam para as massas, mas seu objetivo não era a verdadeira educação e sim o controle de massas. (CADEMARTORI, 1986, p. 37)

Mesmo com a pretensão que Charles Perrault escrevia, que tinha temas burlescos e depreciativos, ele acabou tendo o efeito contrário em alguns momentos, pois muitas pessoas acabavam criando afeto por certos personagens e assim, situações difíceis, mas que ao final o personagem conseguia dar à volta por cima e vencer as dificuldades. Perrault recopilava as histórias do cotidiano e trabalhava em cima dessas situações, aumentava os detalhes de acordo com a classe social para a qual o texto seria destinado, que neste momento seria a burguesia.

Seguindo o pensamento de Cademartori (1986, p. 37), ela relata que no reinado de Luís XIV, o período complicado para os franceses onde as estruturas políticas e sociais estavam passando por transformações e várias contradições surgindo originou uma necessidade por textos em que a fantasia e o imaginário estivessem presentes. A economia da França era especialmente, agrícola, e por isso, as grandes autoridades faziam o possível para controlarem a massa por meio da fé, já que a religião tinha forte influência na política. Podemos ver, claramente esta situação nos séculos XVI e XVII, onde a Contra-Reforma foi implantada.

Cademartori (1986) relata que nesse período, o cristianismo vem ganhando força e impõe que todos sigam à religião cristã, com isso, cria-se uma mescla com o paganismo que faz ganhar outras aparências, entre elas têm a participação dos deuses pagãos denominados como divindades que garantem o bem-estar do corpo e dos campos, assim, encaixar o folclore nesse contexto, pois se trata de uma coleta de manifestações artísticas de um povo, o qual se encontram cerimônias, danças, entre outros, mas em particular os contos, que retratavam sua realidade no campo, com dificuldades, mas que de alguma forma mudaria através de algo miraculoso.

Naquela época, as crianças eram preparadas para a vida adulta desde cedo, e a literatura era um importante instrumento para essa formação, e é nessa parte onde as histórias coletadas entre os povos se encaixam, pois tornam-se meios didáticos, trabalhando a área cognitiva desde a infância à fase adulta. Apesar de Perrault viver em um âmbito social diferente do que ele escrevia, fez uma recuperação da cultura popular na procura de fazer tudo com a mais perfeita fidelidade. Este período foi de fortalecimento entre a literatura popular e a literatura infantil que tinham como base a condição da representação social do povo e a questão da infância, assim vemos uma continuidade nessa aproximação nos contos dos Irmãos Grimm com suas coletas no século XIX, na Alemanha.

A literatura infantil não foi criada por Charles Perrault, pois já haviam outras formas de literatura, mas temos ele como iniciador dessa nova visão. Essas formas já existentes eram a literatura oral, que trazia ditos e provérbios em seus contos, junto com a literatura pedagógica, que era o lado mais culto e que tinha como exemplo os textos dos jesuítas, mas o principal elemento que fez com que Charles Perrault tivesse sucesso, foi o grande uso dos ditos populares, como os de *Chapeuzinho Vermelho* e *A Bela Adormecida*, que eram de fácil compreensão para o público infantil.

Em se tratando dos contos recolhidos, temos que dividi-los em dois períodos. O primeiro período caracteriza-se pelos contos folclóricos, que eram voltados ao público adulto, e no segundo período, veio a adaptação pedagógica voltada ao público infantil e é, nesse período, que tem o surgimento da advertência, trazendo uma certa punição para aquela personagem que desobedecia às regras que haviam naquela sociedade. Antes das coletas realizadas, os contos populares eram totalmente voltados aos adultos e não possuíam nenhum tipo de intuito educativo.

Cademartori (1986, p.40) nos mostra que Perrault, essa mudança de literatura popular em infantil, traz um novo formato educativo que foi imposto a ele e seu período, que se encontrava em um momento onde o *Jansenismo* (é uma doutrina religiosa inspirada nas ideias de um bispo de Ypres, Cornelius Otto Jansenius) ganhava força com caráter disciplinar, moral e dogmático, a qual também tinha grande poder político. Porém, nos textos havia uma mistura de bondade e rigidez. A igreja chega com forte influência no século XVII tentando cristianizar tudo, principalmente, a cultura popular com seus contos, tentando tornar a França um país cristão.

Nessa mesma época, Cademartori (1986, p. 41) nos mostra que surge uma luta entre a Reforma e a Contra-Reforma, onde manifestam-se grandes momentos de tensão entre a Igreja e o Estado. A Igreja Cristã, denominada de *Reforma Protestante*, compreendem que para alcançar seus ideais, não poderiam descartar a população, com isso, os protestantes percebem o quanto seria fundamental investirem na educação, e não medem esforços para tal feito. Ao perceber isso, a Contra-Reforma (Igreja Católica), também teve, de seguir essa ideia, senão, seria passada para trás. Logo após o Fronde, que foi um movimento popular contra o reinado citado acima, percebem a necessidade da educação para com o povo a fim de evitar interferências no poder.

Apesar de todo esse acontecimento, o período onde se teve a maior produção dos contos ocorreu em meio a todo esse conflito religioso, onde a sociedade era mais liberal, e toda forma de expressão era permitida, e mesmo com o cristianismo tentando se instaurar e findar o popular, não houve tanto êxito.

2.1 INTRODUÇÃO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO BRASIL

A chegada da literatura infanto-juvenil ao Brasil foi inevitável, tivemos um renomado escritor e editor como precursor da literatura infanto-juvenil no Brasil: Monteiro Lobato. Ele trouxe em suas obras as características culturais do povo brasileiro e com isso,

surgiu uma interação com os grupos sociais, tornando-o um formador e transformador da percepção da população.

Vivemos em uma mistura de culturas, as quais tiveram grande influência nos métodos de criação dos contos. No processo de aculturação, onde os colonizadores tentavam dizimar a cultura local, fazendo com que os habitantes daquela terra fossem obrigados a seguir suas leis ou então eram que desligados da sociedade, não foi um sucesso no Brasil, com isso surgiram dois tipos de cultura.

Conforme o pensamento de Cademartori (1986), o resultado da literatura infanto-juvenil foi a mescla da cultura europeia e a indígena, onde optaram pelo estrangeirismo cultural. Na realidade, a *intelligentsia* brasileira (grupo de pessoas envolvidas em um trabalho de desenvolvimento e disseminação cultural) tem por sua característica o afastamento do que é, particularmente, brasileiro, pois era uma condição que permitia o domínio do indivíduo sobre o saber, assegurando a comprovação como cidadão.

Construídos com a mentalidade europeia, os escritores brasileiros observavam suas próprias origens como se fossem terras estrangeiras, um exemplo disso, são os romances indianistas, que comprovam esse afastamento dos princípios indígenas, cuja obrigação da estética textual presente naquele período, vão em buscar do índio como objeto decorativo e exótico, utilizando ,apenas, algumas palavras indígenas em seus textos.

Por muito tempo, os escritores brasileiros estiveram afastados de suas origens linguísticas e ideológicas, deixando as bases político-econômicas de lado. Lúcia Miguel Pereira, uma grande ensaísta brasileira, faz uma observação sobre o manifesto de nossa literatura e percebe que há uma divisão entre essa paixão pelo pensamento estrangeiro e a busca do conhecimento sobre a cultura popular, uma situação que marcou vários acontecimentos na literatura brasileira.

Monteiro Lobato consegue solucionar esses conflitos internos, que por sinal tinham grandes efeitos. Ele consegue a proeza de unir essas vertentes, trazendo o que é de fato brasileiro junto a algumas contribuições estrangeiras e que realmente eram necessárias. O Brasil agora é posto em seu lugar na literatura. Monteiro Lobato traz uma preocupação referente a situação do país nos mais diferentes quesitos, mostrando a verdadeira importância da brasilidade nos textos. Para Cademartori (2006):

A leitura dos textos de Lobato possibilita uma nova experiência da realidade em que, ao mesmo tempo que são conservadas as vivências já adquiridas, antecipam-se possibilidades a serem experimentadas. É dessa

maneira que o universo ficcional lobatiano propicia novas aspirações, instiga fins e pretensões que abrirão caminho a experiências futuras. Fugindo a todo moralismo que costuma acompanhar muito de perto a produção do livro infantil, sua obra incentiva a investigação e o debate sobre questões a que o consenso e os valores estabelecidos já haviam dado resposta.” (CADERMATORI, 2006, p. 50-51).

Na atualidade, a literatura infantil e juvenil trata de assuntos do dia a dia da criança, e esclarece problemáticas, refletindo o texto como uma prática social. Auxilia com os medos, reflete sobre a diversidade cultural e propõe a interação social, nesse sentido, Teresa Colomer (2017) afirma que:

Muitos livros infantis incorporam novos temas que se referem aos problemas próprios destas idades (o medo noturno, a raiva ante as proibições etc.) sem dúvida, os melhores desses livros podem ajudar as crianças a entender e assimilar seus problemas, mas o interesse e o efeito destas obras estão estreitamente ligados à forma de acesso da criança a elas e a seus sentimentos prévios. (COLOMER, 2017, p. 33)

Temos assim, uma vasta produção nacional de livros infantis, para todas as faixas etárias e sobre diversos assuntos e temáticas. Muitos de nossos escritores brasileiros que se destacam pelas obras distintivas que possuem, são eles: Lygia Bojunga Nunes, Sérgio Caparelli, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Mário Quintana, Marina Colasanti, dentre outros.

2.2 A NARRATIVA PARA CRIANÇAS E JOVENS E OS CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DA NARRATIVA

Sabemos a importância da leitura, principalmente, quando desenvolvida desde criança, pois é a fase aonde os hábitos começam a ser construídos e a literatura é fundamental nessa construção. É através do texto literário que vários fatores são desenvolvidos, tais como: as emoções (alegria, tristeza, amor, raiva), as sensações (olfato, audição, visão, tato e paladar), variando de acordo com o processamento do imaginário e razão do leitor e ouvinte.

O hábito de ler irá promover na criança um senso crítico, entretenimento, enriquecimento do vocabulário, desenvolvendo afeto e reduzindo estresse. Na escola, é necessário que os professores trabalhem com textos literários constantemente em sala de aula, mantendo assim a importância que a literatura possui na formação do leitor.

Regina Zilberman (2003) trata da relação entre a escola e à literatura, assim, ela nos mostra a importância e o dever que temos de preservar esta união

Preservar as relações entre a literatura e a escola, ou o uso do livro em sala de aula, decorre de ambas compartilharem um aspecto em comum: a natureza formativa. De fato, tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem. (ZILBERMAN, 2003, p. 25)

Nesta ótica de pensamento, Zilberman (2003) argumenta a importância da literatura em sala de aula, pois “a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade.” (2003, p. 16).

Podemos ver que a figura do professor se destaca, com ela, visto que a criança terá mais contato com a literatura, já que não devemos esquecer que os pais tem grande responsabilidade nessa caminhada ao lado da criança. Eles, também, devem incentivar e trabalhar juntos, para que possam ter um crescimento contínuo.

Vânia Maria Resende (1997), aponta a questão da relação entre a criança e o adulto, mostrando a importância da afetividade e o quanto isso ajuda no desenvolvimento da criança.

A relação afetiva entre as crianças e aqueles que põem livros com poesias e histórias ao seu alcance produz uma sincronização favorável. A proximidade, garante pelo estar junto, com presença calorosa, entusiasmo e vibração, é responsável pela introdução positiva das crianças no universo literário. Num clima de confiança e afetividade é que o ler e contar histórias faz sentido. E através desse ponto de partida que se sedimenta uma convivência espontânea e agradável com os livros. (RESENDE, 1997 p.40).

O uso do paradidático em sala de aula tem um papel transformador na educação tradicional, pois segundo Regina Zilberman (2003) argumenta que:

A justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, pois, de um lado, da relação que estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância; e, de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante e não submetendo este último a um ambiente rarefeito do qual foi suprimida toda a referência concreta. (ZILBERMAN, 2003, p. 30).

A literatura infantil e juvenil tem uma grande importância na formação da criança e do jovem. É através desses textos que eles irão aprimorar o seu imaginário de forma lúdica e prazerosa, pois quando se trata de narrativa para crianças e jovens, segundo Maria Antonieta Cunha (2003), vemos que os textos dispõem de critérios apropriados a faixa etária

dos leitores, ou seja, eles possuem características singulares que nos fazem perceber qual o seu público alvo. De início, uma característica que chama bastante atenção são os acontecimentos fantásticos que ativam o imaginário, fazendo com que eles se coloquem no lugar do personagem.

Por outro lado, é o dinamismo da narrativa, bastante importante, pois a criança aprecia a movimentação do texto. Quanto ao discurso, a melhor forma de apresentar os personagens e suas falas é através do discurso direto, fazendo com que se torne mais fácil o leitor se envolver. Referente às personagens, são adequadas aos personagens sem muita complexidade, caracterizadas como planas e esse conjunto de fatores tem grande importância na construção da obra literária infantil.

Há diferenças entre a narrativa feitas para crianças e feitas para o público adulto, ao passo que existem elementos numa narrativa para adultos que as crianças não conseguirão compreender. Um de seus importantes aspectos é um texto linear, sem *flashbacks* usando, assim, o tempo cronológico. Para as crianças, a narrativa tem a função de distrair, mostrando o quanto aquela história é interessante, além de possuir um desfecho feliz, que acaba sendo essencial para aqueles leitores mais novos, pois a compreensão de uma criança sobre os fatos no texto é bem maior, elas são bem mais sentimentais e acabam se apegando a um personagem legal e sentem a dor quando o mesmo sofre uma reviravolta triste.

No entanto, essas características de finais felizes é “cultural”, visto que existem países onde esse tipo de final não é tão usado, a exemplo da França onde eles não possuem essa preocupação, tendo muitas histórias com finais tristes. Não é que todo texto deva se encerrar na mais perfeita harmonia, mas que sempre possa existir uma forma de reencontrar o mito da felicidade. Podemos ver outros exemplos em várias narrativas, uma delas é a obra do espanhol Juan Ramón Jiménez chamada *Platero e Yo*, que conta a história de um burrinho de estimação que acaba morrendo, e seu dono consegue encontrar outra forma de felicidade para sua vida.

Temos, com isso, as classificações de idade, já que as crianças passam por inúmeras transformações durante seu crescimento, tanto as fisiológicas como as psicológicas, tendo que ter textos adequados para sua idade. Logo, não devemos generalizar, pois há crianças que amadurecem bem mais rápido do que outras tendo, assim, uma capacidade de leitura e absorção maior, pois segundo Maria Antonieta Antunes Cunha (2003), a literatura infantil tem se dividido em três fases, a do mito; a do conhecimento da realidade e, por último, o pensamento racional, na qual observamos as divisões das faixas etárias.

Iniciamos com a fase do *mito*, onde temos crianças de 3 a 8 anos, os textos indicados para elas devem ter a predominância da fantasia, onde além de pessoas, os objetos também são personificados. Temos exemplos na narrativa de A Bela e a Fera, de Gabrielle-Suzanne Barbot, onde podemos ver que a mobília interage com a protagonista, demonstrando sentimentos.

A segunda fase é chamada de *conhecimento da realidade*, onde se encontram as crianças de 7 a 12 anos e nessa fase, as crianças querem mais ação nos textos. O interesse passa a ser pelo herói, o qual consegue superar todos os obstáculos com inteligência e força, também nos seres mitológicos e outras aventuras, tanto românticas como de guerras, podendo se passar na terra ou até mesmo no espaço.

Na terceira e última fase, encontramos as crianças dos 12 anos até a adolescência. É a fase conhecida por *pensamento racional*. Nela é retratada a realidade social, trazendo fatos ecológicos, românticos, eróticos e até mesmo de ordem políticos. A morte, também, é bem aproveitada nesse período, pois é nesse momento que a criança começa a ter noção sobre alguns assuntos, podendo assim construir seu pensamento crítico.

Mas além de conhecer essas fases, o professor terá a responsabilidade de reconhecer todo o contexto de vida da criança, podendo assim usar de suas experiências ligando-as aos fatos acontecidos nos livros. Maria Helena Martins (1984), afirma que:

Criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginárias. (MARTINS, 1984, p. 34)

O incentivo da leitura tem o poder de fortalecer e construir experiências de liberdade, e de aperfeiçoar seus conhecimentos já que o texto literário tem a capacidade de nos fazer refletir sobre tudo a nossa volta, pois segundo Azevedo (2004), é:

Através de uma história inventada e de personagens que nunca existiram, é possível levantar e discutir, de modo prazeroso e lúdico, assuntos humanos relevantes, muitos deles, aliás, geralmente evitados pelo discurso didático-informativo – e mesmo pela ciência – justamente por serem considerados subjetivos, ambíguos e imensuráveis. (AZEVEDO, 2004, p. 40)

3 A AFETIVIDADE REPRESENTADA EM “O PEQUENO PRÍNCIPE”

3.1 PERFIL BIBLIOGRÁFICO DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

Segundo o site History, Antoine de Saint-Exupéry foi um escritor francês, o qual ficou conhecido mundialmente, com a obra *Le Petit Prince* (O Pequeno Príncipe), publicada em 1943. Além de escritor, Antoine foi ilustrador e um grande aviador, fazendo parte da força aérea francesa, e também, ajudando a estabelecer rotas de correio aéreo por inúmeros continentes.

Antoine nasceu no dia 29 de junho de 1900, na cidade de Lyon, na França. Filho do conde Jean Saint-Exupéry e da condessa Marie Foscolombe, tendo seu primeiro livro intitulado *Courrier-Sud*, publicado em 1929. Faleceu após um ano de seu retorno à força aérea, abatido numa missão de reconhecimento no dia 31 de julho de 1944, durante a Segunda Guerra Mundial.

Seus livros possuem características peculiares, já que todos tratam de temáticas da vivência do próprio Antoine, como por exemplo as guerras onde participava como piloto, era um amante da aviação. Entre essas obras se encontram: *O aviador*, *Voo noturno*, *Terra dos homens*, e conseqüentemente a sua principal obra que é *O pequeno príncipe*.

O Pequeno Príncipe é uma das obras literárias que possui o maior número de traduções no mundo, tendo publicações em mais de 220 idiomas. Saint-Exupéry, além de escrevê-la, também a ilustrou. Ele é o narrador da história, contando sobre uma de suas viagens, no deserto do Saara.

3.2 SOBRE O PEQUENO PRÍNCIPE

A história se inicia com uma lembrança do narrador, a qual mostra um pouco sobre o seu primeiro desenho que tinha feito ainda quando criança. Era um desenho bastante simples, que ele decide perguntar aos mais velhos sobre o que é que viam naquele desenho, mas as respostas sempre eram as mesmas. Ao ficar mais velho, decidiu mostrar novamente o mesmo desenho, que se tratava de uma jiboia que tinha engolido um elefante, mas todos mantiveram as mesmas respostas, diziam que era um chapéu.

Ninguém conseguia compreender o que ele tinha desenhado, todos diziam para ele escolher outra profissão e, por conta disso, passou à vida com poucas relações e acabou tornando-se um piloto. Com o passar do tempo, em uma de suas missões, ocorreu um

imprevisto, o avião que pilotava começou a demonstrar avarias e acabou caindo em pleno deserto do Saara.

Quando era noite, devido ao seu cansaço, acabou adormecendo ali mesmo na areia. Com o raiar do dia, despertou com uma voz estranha lhe chamando, o piloto não conseguia compreender o que um rapazinho loiro fazia em meio ao deserto. Este lhe pedia para que desenhasse um carneiro. O piloto então, resolve mostrar ao pequeno príncipe o seu primeiro desenho, aquele que ninguém conseguia entender e ele logo rebateu dizendo que não queria nenhuma jiboia que tenha engolido um elefante e sim um carneiro, o problema era que por ter sido desencorajado desde criança a desenhar, sentia muitas dificuldades em desenhar um carneiro.

Foram muitas tentativas de desenhar o carneiro, mas nenhuma delas agradavam o príncipezinho, assim, o piloto tem a ideia de desenhar uma caixa, a qual ele fala que o carneirinho se encontra dentro dela e o pequenino acaba aceitando, dizendo que era exatamente o que ele queria. Em seguida, os dois começam a conversar e o príncipezinho conta o porquê de tanto querer um carneiro. Ele diz que veio de um planeta bem minúsculo, na realidade era um asteroide chamado de B-612, e que há nele uma árvore chamada baobá, a qual crescia bastante e que poderia destruir o planeta, por isso que ele queria o carneiro, para se alimentar dos baobás enquanto pequenos.

O príncipe lhe contou sobre tudo o que passou antes de ter chegado na Terra, sobre os vários outros “planetas” por onde havia passado. Falou sobre sua rosa, a qual o pequeno príncipe aprendeu com a raposa que ela era uma rosa singular em sua vida. Ele sentia muita falta de sua casa, principalmente de sua Rosa, e em um desses encontros na Terra, acabou conhecendo uma serpente que falou que poderia levar o pequenino de volta para o seu lar com o poder de sua picada. Sabemos que animais desse tipo, são venenosos e podem tirar a vida de alguém, e por saber disso, o piloto acabou ficando triste, pois já havia criado laços com o rapaz.

Ao perceber isso, o pequeno príncipe pede para que o piloto não fique triste, pois esse é um único jeito dele voltar para casa. Disse que seu corpo era muito pesado, que era apenas uma casca. É chegado o dia do pequenino encontrar-se com a serpente, seguiu sozinho ao encontro dela, e ao ser picado, não teve nenhuma reação, houve apenas um clarão perto de sua perna, e ele caiu como uma árvore. Pela manhã, o piloto resolveu ir ao local do ocorrido, e percebeu que o corpo não se encontrava mais lá, então viu que o pequeno príncipe tinha retornado para o seu lar. Mesmo com o passar do tempo o narrador ainda permanece

triste, mas ao olhar para o céu, é como se as estrelas sorrissem, fazendo assim lembrar do príncipezinho.

3.3 APRENDIZAGEM E SEUS AFETOS

A obra do francês Antoine Saint-Exupéry nos apresenta várias situações, as quais podemos ter um riquíssimo aprendizado e as que ficam mais evidentes no texto são as relações de afetivas vividas pelos personagens, assim, é importante termos alguém ao nosso lado, alguém que sabemos que estará sempre disposto a nos ajudar e ver o nosso bem e se alegrando com o nosso crescimento, pois Celso Antunes (2006) afirma que a:

A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, o que se traduz em amor. (ANTUNES, 2006, p. 5)

Para Antunes (2006), ele nos mostra que a afetividade é o fator determinante na construção emocional, social e psicológica da criança. O psicólogo Henri Wallon em seus estudos notou a importância do tema e resolveu focar nesse assunto. Em um de seus estudos, ele percebe que a criança passa por cinco estágios, que estão associados da seguinte forma:

O emocional (3 meses a 1 ano) acontece no primeiro ano de vida da criança- é predominantemente afetivo e é por meio da afetividade que a criança estabelece suas primeiras relações sociais e com o ambiente;

Sensório-motor (12 a 18 meses) Esse estágio se estende até por volta dos 3 anos de idade e tem predomínio das relações exteriores e da inteligência;

Personalismo (3 a 6 anos) Crise de Oposição (3 a 4 anos) Idade da graça (4 a 5 anos) Imitação (5 a 6 anos);

Categorial (6 a 11 anos) predominando a inteligência e a exterioridade, no estágio categorial, que se estende até por volta dos onze anos de idade;

Adolescência (a partir dos 11 anos) As transformações físicas e psicológicas da adolescência acentuam o caráter afetivo desse estágio (WALLON, 2010, p. 35-36).

Nesta linha de pensamento, Wallon (2010, p.36) ressalta que esse desenvolvimento pelo qual a criança passa não tem seu fim na adolescência, mas continua em processo ao decorrer da vida. Com isso, podemos notar que a afetividade e o sistema cognitivo estarão sempre em movimento, fazendo com que o indivíduo enfrente diversos momentos de aprendizagem ao longo da vida.

A partir desta perspectiva, notamos que a afetividade possui uma grande influência em nossos sentimentos, emoções e estados de espírito e sendo assim, tendo grande relevância nas etapas de aprendizagem da criança. Com base no raciocínio de Jean Piaget (1995), percebemos que a manifestação do afeto através dos sentimentos possui o poder de gerar interesse em realizar certas atividades.

O desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: cognitivo e o afetivo. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores, e emoções em geral. Para o autor, eles são inseparáveis, pois, defende que toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, que é representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado por uma energética, que é a afetividade. Deste modo a afetividade constitui aspecto indissociável da inteligência, pois ela impulsiona o sujeito a realizar as atividades propostas (PIAGET, 1995 *apud* RABECINI; PARRA, 2015, p. 5).

Por outra ótica, Vygotsky (1994 *apud* RABECINI; PARRA, 2015, p. 5) explana que os pensamentos oriundos da esfera motivacional, como o afeto, emoções, interesses e até as nossas necessidades, tem grande importância entre as dimensões afetivas e cognitivas do desempenho psicológico do indivíduo, ou seja, usar a leitura como meio de desenvolvimento psicológico e afetivo da criança de forma que a mesma venha ter um processo evolutivo emocionalmente saudável.

3.4 O PEQUENO PRÍNCIPE COMO EXEMPLO METODOLÓGICO DE ENSINO ATRAVÉS DA AFETIVIDADE

Através desse ponto de vista, a obra *O Pequeno Príncipe* encaixa-se perfeitamente, no trabalho de desenvolvimento cognitivo e interacionista das crianças, visto que são evidentes as relações de afeto na narrativa, fazendo com que os sistemas cognitivo e afetivo sejam utilizados e gerem prazer na leitura.

A obra nos mostra as relações vividas entre o Príncipezinho e alguns personagens (o piloto, a rosa e a raposa), os quais percebemos que as necessidades de interações de cada personagem, que fazem com que o desenrolar da narrativa tome rumos diferentes.

O livro de Saint-Exupéry trata a relação do Pequeno Príncipe e a sua Rosa com especial atenção, na qual fica nítida a importância de cativar e cuidar. A Rosa aparece na

vida do pequenino personagem de forma miraculosa, pois assim que ela brotou, ele ficou encantando com a sua beleza.

Mas o arbusto logo parou de crescer, e na sua extremidade começou então a se formar uma flor. O pequeno príncipe, que assistia ao surgimento de um enorme botão, pressentiu que dali sairia uma aparição miraculosa, mas a flor parecia nunca acabar de preparar sua beleza, no seu verde aposento. Escolhia as cores com cuidado. Vestia-se lentamente, ajustava uma a uma suas pétalas. Não queria sair, como os cravos, amarrotada. Ela queria aparecer no esplendor da sua beleza. Ah, sim! Era vaidosa. Sua misteriosa toailete, portanto, durara alguns dias. E eis que, numa manhã, justamente à hora do sol nascer, ela se mostrou. (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 31)

No livro o amor e o cuidado que o príncipezinho tem pela Rosa, mas ela possuía uma vaidade doentia, e isso acabou entristecendo-o. É notório que a Rosa também o cativava, mas ela era muito orgulhosa para poder admitir. No pensamento de Joana Móra Féria (2017), em entrevista para a Revista Progredir, afirma que:

É nesse preciso momento, no momento que nos questionamos e refletimos internamente, que nos apercebemos que o orgulho nada mais é que algo que decidimos avaliar como precioso e que nos faz sentir ricos e soberbos quando no fundo não passa de pedras pesadas e feias que nos modificam a fisionomia, a alma e nos impedem de viver o melhor que a vida tem para nos dar. (In: REVISTA PROGREDIR, 2017, p. 13)

O príncipezinho se deixou abalar por coisas que a Rosa tinha lhe dito, coisas que no final não tinham tanta importância. Então, resolveu abandonar o seu pequeno planeta, em busca de entender os sentimentos. No entanto, antes de ir embora, decidiu arrumar tudo em seu planeta, extinguir os pequeninos vulcões, arrancar todos os rebentos de baobás, pois em sua mente, não desejava retornar para casa nunca mais.

Quando o príncipezinho foi regar sua Rosa pela última vez, sentiu vontade de chorar, com isso, inicia-se um diálogo entre ele e a Rosa:

-- Adeus – disse ele à flor.
Mas a flor não respondeu.
-- Adeus – repetiu ele.
A flor tossiu. Mas não era por causa do resfriado.
- Eu fui uma tola – disse finalmente. – Peço-te perdão. Procura ser feliz.
(SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 34)

Nesse momento, podemos presenciar a quebra do orgulho, foi o momento onde a Rosa percebeu que realmente o tinha perdido. O pequenino, ao ouvir isso, ficou sem reação, pois não esperava aquelas palavras doces. Podemos ver uma mudança drástica no

comportamento da flor. Ela diz que o ama, e que a culpa de ele não perceber e isso foi inteiramente dela, mas que o rapazinho, também, teve sua parcela de culpa. Em um momento de conversa com o piloto, o pequeno rapaz retrata a sua imaturidade ao passar por esta situação.

- Não soube compreender coisa alguma! Deveria tê-la julgado por seus atos, não pelas palavras. Ela exalava perfume e me alegrava... Não podia jamais tê-la abandonado. Deveria ter percebido sua ternura por trás daquelas tolas mentiras. As flores são tão contraditórias! Mas eu era jovem demais para saber amá-la. (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 33)

A despedida entre os dois foi algo muito doloroso. Ela o apressou a partir, pois não queria chorar na frente do rapaz, pois era muito orgulhosa, sendo assim, o jovem decide ir embora. Logo, passou por inúmeros planetas e ao chegar na Terra, ficou bastante surpreso, pois não encontrou ninguém, pensou até que errou o planeta. O problema era que o pequenino se encontrava no deserto.

Depois de muito andar, o pequeno príncipe encontra um jardim repleto de rosas. Ele fica triste, pois pensava que a sua Rosa era única em todo o universo e chega a refletir:

Eu me julgava rico por ter uma flor única, e possuo apenas uma rosa comum. Uma rosa e três vulcões que não passam do meu joelho, estando um, talvez, extinto para sempre. Isso não faz de mim um príncipe muito poderoso... (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 66)

Depois deste acontecimento, o jovenzinho começa a chorar em meio aos campos, e foi neste momento que apareceu alguém que mudaria, totalmente, seus pensamentos. A Raposa, ela vem a ser um divisor de águas em sua vida. Ele achou a Raposa muito bonita e a chamou para brincar, porém a mesma disse que necessitaria que o rapaz a cativasse antes, ela perguntou qual a finalidade dele se encontrar ali, sem muito enrolar, disse que procurava amigos. Mas uma coisa não ficou clara para o jovem. Ele queria saber o significado da palavra cativar. A Raposa então explica:

- Não – disse o príncipe. – Eu procuro amigos. Que quer dizer cativar?
- É algo quase sempre esquecido – disse a raposa.
- Significa “criar laços” ...
- Criar laços?
- Exatamente – disse a raposa. – Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Não passo ateus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós

teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo... (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 68)

Neste momento, o rapazinho percebe que a sua Rosa tinha o cativado. A Raposa continua a sua explicação, e diz que precisa ter paciência para cativar algo e que só conhecemos, verdadeiramente, alguém depois de ter cativado. A Raposa em seu diálogo com o pequenino nos traz reflexões a respeito do real significado do que é afeto, das necessidades que surgirão um do outro. Ela pede para que o rapaz vá novamente ao jardim, pois assim compreenderia que a sua Rosa é única no mundo.

Ao chegar ao jardim, percebe que aquelas rosas não eram iguais a sua, pois ninguém tinha necessidade daquelas flores, ninguém tinha as cativado. Ele levou consigo tudo que a Raposa ensinara. Disse às rosas:

- Sois belas, mas vazias – continuou ele. – Não se pode morrer por vós. Um passante qualquer sem dúvida pensaria que a minha rosa se parece convosco. Ela sozinha é, porém, mais importante que todas vós, pois foi ela que eu reguei. Foi ela que pus sob a redoma. Foi por ela que eu matei as larvas (exceto duas ou três, por causa das borboletas). Foi ela que eu escutei se queixar ou se gabar, ou mesmo calar-se algumas vezes, já que ela é minha rosa. (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 72)

Depois, voltou para se despedir de sua mais nova amiga, a Raposa, a qual lhe contou um segredo fascinante. Disse ela: *“Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”* (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 72). O que ela fala em seguida é ponto chave da obra, pois revela que foi a sua trajetória com a Rosa que a fez tão importante em sua vida, *“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Tu és responsável pela tua rosa...”* (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 72).

Fica claro no texto o afeto do pequenino em relação à sua rosa, onde o mesmo se doa sem querer nada em troca. Mas esse tipo de relação só acontece quando se conhece verdadeiramente o outro. A narrativa mostra que o príncipezinho esteve ao lado da rosa desde que ela era apenas um broto.

Nessa perspectiva, ao trabalhar esse texto em sala de aula com as crianças, o professor fará com que seus sistemas afetivo e cognitivo sejam ativados e é, nesse momento, que surgirão questionamentos, promovendo o diálogo e o debate.

Para tanto, é necessário que o professor procure conhecer bem os seus alunos, o seu cotidiano, suas dificuldades, suas relações afetivas com sua própria família, para que encontre o melhor caminho para auxiliá-los. Já dizia a Raposa: *“só se vê bem com o coração.*

O essencial é invisível aos olhos” (p. 73). É preciso um olhar de afetos, entregar-se sem esperar nada em troca conforme afirma Reginatto (2013):

Aí está a importância do papel do verdadeiro educador, que precisa transformar a escola em um lugar acolhedor e amigável, prezando sempre o bem-estar dos alunos. Educar com amor pode transformar a realidade de muitas crianças, que quando tem suas carências afetivas supridas, sentem-se valorizadas e respeitadas, e passam a se desenvolver e a participar do processo de ensino aprendizagem com muito mais dedicação (REGINATTO, 2013, p. 2).

O processo de aprendizagem da criança pode-se tornar mais prazeroso quando ela tem um professor que se preocupa, onde a criança se sinta respeitada e segura. É algo que requer paciência e, assim, como aconteceu com o pequeno príncipe e a raposa, que foi necessário tempo para que ele a cativasse, do mesmo modo acontece em sala de aula.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado em tudo que pudemos ver na obra literária *O Pequeno Príncipe*, chegamos à uma possível interpretação dos valores e os ensinamentos que o livro possui. Trazendo à tona o amor, a amizade e a afetividade presentes na narrativa e, com isto, foi realizada uma análise biográfica interpretativa baseada nas relações afetivas encontradas no livro e sua aplicação em sala de aula, visando o, aprimoramento, das aulas e a relação do professor com o aluno.

A literatura tem uma grande importância na formação cognitiva da criança, e ao mesclar com a afetividade, tornará o ensino bastante prazeroso. Desse modo, foi analisado as relações dialógicas decorrentes na obra, especificamente, a relação do Pequeno Príncipe com a rosa e seus aprendizados com a raposa, tentando assim, mostrar que pode existir relações com práticas educacionais.

Através do uso de artigos, sites *on-line* e livros, foi possível perceber a importância da afetividade no âmbito acadêmico. Certas situações na vida da criança podem se tornar barreiras onde dificultarão em suas relações pessoais e no seu aprendizado. Piaget (2001) relata que os sistemas afetivos e cognitivos estão emparelhados, que um necessita do outro e, seguindo este viés, notamos que o uso da literatura de forma afetiva pode contribuir com a melhora da relação entre o professor e o aluno fazendo com que ele sinta mais prazer em estudar.

O ambiente que o professor irá criar será bastante fundamental na construção desse laço, pois segundo Ribeiro e Jutras (2006), afirmam que:

Num ambiente afetivo, seguro, os alunos mostram-se calmos e tranquilos, constroem uma auto-imagem positiva, participam efetivamente das atividades propostas e contribuem para o atendimento dos objetivos educativos. No caso contrário, o aluno rejeita o professor e a disciplina por ele ministrada, perde o interesse em frequentar a escola, contribuindo para seu fracasso escolar (RIBEIRO; JUTRAS, 2006, p. 43).

Seguindo esta linha de pensamento, o professor terá de utilizar métodos que venham a estimular o aluno para que almejem aprender cada vez mais, e o uso da literatura pode ser um maravilhoso meio a ser trabalhado, fazendo com que eles venham sentir prazer na aprendizagem e, com isto, os laços vão sendo criados, a vontade de estar perto dos colegas e do professor aumentará, pois é fundamental que o educador cativa seus alunos, e logo influi, drasticamente em seus comportamentos.

O uso da literatura além de proporcionar ensinamentos acadêmicos, pode trazer também várias lições de vida que servirão em várias situações que a criança irá enfrentar. Coelho (2000) afirma que:

... a importância que se atribui, hoje, a orientação a ser dada as crianças, no sentido de que, ludicamente, sem tensões ou traumatismos, elas consigam estabelecer relações fecundas entre o universo literário e seu mundo interior, para que se forme, assim, uma consciência que facilite ou amplie suas relações com o universo real que elas estão descobrindo dia-a-dia e onde elas precisam aprender a se situar com segurança, para nele poder agir (COELHO, 2000, p. 51).

Podemos perceber que a obra *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry é uma fonte de princípios e lições que podem ser eficazes na construção afetiva e cognitiva para as crianças, ajudando-as em seu desenvolvimento neuropsicológico.

Deste modo, é possível perceber a importância do uso da literatura em sala de aula, pois ela vem sendo uma enorme ferramenta que será de muita valia tanto no desenvolvimento cognitivo, como também em suas relações pessoais, pois proporciona uma estruturação psicológica de forma agradável, logo, preparando o indivíduo para as várias situações que terá de passar na vida.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006.

AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a literatura**. São Paulo DCL, 2004.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: ed. Brasiliense, 1986.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. 1ª ed. São Paulo: Global, 2017.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2003.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PIAGET, Jean. **Desenvolvimento e aprendizagem**. Porto Alegre: UFRGS/FACED/DEBAS, 1995.

PERCÍLIA, Eliene. "**Antoine de Saint-Exupéry**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/antoine-saintexupery.htm>

RABECINI, Marinês G. da Silva; PARRA, Cláudia Regina. O papel da afetividade na aprendizagem infantil. **Psicologia**. PT, São Paulo, 2015. 10 p. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0869.pdf>

REGINATTO, Raquel. A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem. **Revista de Educação do Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU**, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 18, jul./dez., 2013. Disponível em: https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/11_1.pdf

RESENDE, Vânia Maria. **Literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo, Saraiva, 2ª edição 1997.

REVISTA PROGREDIR: **Esse camaleão chamado orgulho**. Paço de Arcos: Ideias e Harmonia, n. 64, 2017. Mensal.

RIBEIRO, Marinalva Lopes, JUTRAS France. Representações sociais de professores sobre afetividade. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 23, n.1, p. 39-45, jan./mar., 2006

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 51ª edição, 2015

WALLON, Henri. **Henri Wallon**. Junqueira, Patrícia (Trad. Org). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010. 134 p

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. Revista, atualizada e ampliada. São Paulo: Global, 2003.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado capacidade de concluir este curso, a todos que me apoiaram desde o início, como a minha família que foi fundamental em todo esse processo e também, conquista.

Agradeço à minha mãe, Angélica Nunes Moura, e ao meu pai, Edson dos Santos Moura, por sempre me apoiarem nas minhas decisões.

Quero agradecer aos professores Rafael Braz, Maria Neni de Freitas, e a minha orientadora, Rosângela Neres, pois foi através dos senhores que eu descobri o que é realmente ser um professor.

E não poderia esquecer dos amigos que fiz em sala de aula, pois viramos uma família, a qual levarei para o resto da vida!